



9º Congresso de Pós-Graduação

A CRIANÇA E O BRINQUEDO EM CECÍLIA MEIRELES E WALTER BENJAMIN

Autor(es)

IVONE OLIVEIRA TAVERNARD

Co-Autor(es)

JESUS DE SOUZA TAVERNARD JÚNIOR

Orientador(es)

ELIAS BOAVENTURA E LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

Na crônica intitulada “A criança e os brinquedos”, Cecília Meireles desenvolve sua temática em torno da relação entre a criança e o brinquedo e sua representação no imaginário infantil, bem como sua relevância na construção da racionalidade do mundo adulto. Cecília Meireles, como poetisa, cronista, jornalista e educadora chama a atenção por mostrar grande preocupação para a relação que a criança estabelece com o brinquedo. Além dela, Walter Benjamin dedica uma parte de sua reflexão ao tema do brinquedo, tentando descrever como na história do brinquedo, este foi assimilado pela cultura, em especial pela indústria cultural, no mundo contemporâneo, que passou a tratá-lo como uma mercadoria. Desta forma esta pesquisa se ocupa na retomada do papel lúdico do brinquedo exercido sobre a criança. Para isso, tanto Cecília Meireles quanto W. Benjamin serão objetos desta análise deste trabalho investigativo.

2. Objetivos

Objetiva-se tecer considerações sobre o que vem a representar o brinquedo para a criança e a postura do adulto diante dessa relação. Tal relação será considerada à luz do itinerário poético-literário de Cecília Meireles e da reflexão crítica de Walter Benjamin.

3. Desenvolvimento

Cecília Meireles posicionou-se no campo da literatura com crônicas e obras que apontam a beleza e as dificuldades do mundo infantil, evoca a relevância da criança. Pode-se considerar que orienta o adulto a portar-se diante dela, valorizando a fase da infância e respeitando seus direitos. A preocupação com a criança despertou em Cecília Meireles a possibilidade de compreender esse universo pouco discutido sob a ótica do adulto, que se posiciona como instrutor e muito pouco como aprendiz. Ela passeia por este mundo socialmente construído (o mundo infantil) respeitando o papel da criança na educação familiar, escolar e sua relação com os

brinquedos e brincadeiras.

Acreditando que a imaginação infantil inverte a lógica do adulto, Cecília Meireles na crônica “A criança e os brinquedos”, expressa com propriedade o sentido do brinquedo para a criança e para o adulto.

O brinquedo quando considerado em seus aspectos materiais, pode ser visto em todos os tamanhos, formas e características; mas os brinquedos não existiram até certo período da história, não foram idealizados por fabricantes, pensando na criança, como diversão ou como instrumento educativo. Por isso, Walter Benjamin (1994, p.245) comenta o surgimento cultural do brinquedo na Alemanha, considerando que “... os primeiros brinquedos não foram no início, invenções de fabricantes especializados, e surgiram em primeira instância nas oficinas de entalhadores de madeira, de fundidores de estanho, etc.”, no contexto europeu. A partir do século XIX, passam a ser produzidos em indústrias especializadas. Inicialmente os brinquedos eram fabricados em miniatura

Foi assim que se deu a excepcional difusão daquele mundo de coisas microscópicas, que alegravam as crianças nos armários de brinquedos e os adultos nas “salas de artes e maravilhas”, e foi assim que se consolidou, com a fama dessas “quinquilharias de Nuremberg”, a hegemonia até hoje inquestionada dos brinquedos alemães no mercado mundial. (BENJAMIM, 1994, p.245)

A cidade de Nuremberg na Alemanha é considerada o berçário dos soldadinhos de chumbo. Os primeiros brinquedos entalhados ou fundidos em miniaturas foram soldadinhos de chumbo, animais de madeira e bonecas de cera. Eram objetos de apreciação de crianças e adultos. Para Benjamim, assim como a criança, o brinquedo também se emancipou na segunda metade do século XIX, causando estranheza nos pais e nas crianças, porque “o brinquedo começa a emancipar-se quanto mais avança a industrialização, mais ele se esquia ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só as crianças, como também aos pais” (Benjamin, *ibid.*, p.246). O que a princípio era objeto de apreciação ganha forma e tamanho.

Com a industrialização, o brinquedo começa a perder gradativamente sua originalidade artesanal. O brinquedo que na sua gênese era confeccionado de madeira, pedra, matéria que se cunhava conforme as mãos habilidosas do artesão; passou a ser fabricado pela indústria com substâncias que dificilmente tem relação com a criança.

A característica inicial do brinquedo na sua matéria prima é que ela não precisa de estereótipos e nela inexistente a categoria de certo ou errado. É a criança que ao manusear o brinquedo, sua forma, atribui sentido à matéria que manipula. A imaginação nesse caso funciona como guia, mestre, mentora, enfim, dispensa direcionamento ou manual de instrução.

Na ideia do brincar está imbricada implicitamente a idéia do brinquedo. Principalmente na sociedade capitalista em que se vive. Os brinquedos culturalmente fabricados têm por finalidade a inserção da criança no mundo cultural e educativo; ao contrário os brinquedos fabricados na indústria objetivam atingir o mercado de consumo. Talvez os primeiros brinquedos entalhados e fundidos fossem resultado de um dia exaustivo, dos momentos escassos e fugazes que restavam aos artesãos antes de retornar ao lar, em que para aliviar-se do dia laborioso punham-se a dar forma ao resto de material que sobejava sob o chão.

Diferente do artesão, as indústrias de brinquedo crescem aceleradamente, competindo no acirrado mercado de mercadorias. Com um único intuito: vender e vender muito. Na fabricação do brinquedo, o fim último é o ganho, o lucro. Na maioria das vezes, o brinquedo não possibilita à criança uma relação positiva com as coisas e nem traz reflexão em torno do brinquedo adquirido.

4. Resultado e Discussão

Neste sentido, Cecília Meireles pontua que “uma das causas mais frequentes de desentendimento entre o mundo dos adultos e a infância reside no que cada um deles pensa a respeito de um brinquedo”. (MEIRELES, 2001, p.15). Ela comenta também que essa observação não é em torno do jogo a que se remete o brinquedo, mas ao próprio brinquedo.

Para o adulto, o brinquedo representa beleza, encanto, admiração. Algo para ser contemplado. Ao comprar um brinquedo, a maioria dos adultos tem em mente um brinquedo que marcará a vida da criança, sendo assim sua durabilidade o acompanhará até a vida adulta. Pois, este mesmo brinquedo passará para as futuras gerações. Muitos adultos consideram apenas o valor embutido no objeto. Esquecem que foram crianças e assim desconsideram a criança projetada em seu interior.

Para o adulto, a cena da criança destruindo (transformando) o brinquedo em mil pedacinhos é uma agressão ao seu cuidado, dinheiro, tempo que gastou procurando o brinquedo ideal. Cecília Meireles considerou tal postura do adulto em relação a essa cena afirmando: “Como são injusto os adultos! Chamam a isso de estragar!” (Meireles, *ibid.*, p. 17).

De acordo com Cecília Meireles o que mais entristece os pais não é a criança estragar o brinquedo e sim:

..., os pais entristecem mais profundamente, ainda, quando vêem os filhos inteiramente satisfeitos com brinquedos que lhes parecem desprezíveis: bonecos de trapos, carrinhos feitos com latas de biscoitos, casas de caixas de papelão, vestidos compridos, arranjados com panos velhos (ou novos... ah! os lindos retalhos da mamãe!), bandeiras de papel, coladas com sabão, colares de botão, anéis de fio de linha, e outras coisas desse gênero. (MEIRELES, 2001, p. 16).

Para Cecília Meireles a relação da criança com esses objetos causa desconforto aos pais. É difícil para eles articularem o brincar sem o brinquedo industrializado. E acabam por vezes comprado um brinquedo de lata fabricado na indústria. O que para desespero dos pais, a criança vai acabar desmontado.

Para entender o significado do brinquedo para a criança, faz-se necessário compreender a relação que a criança estabelece com o brinquedo, por isso, na história do brinquedo, Benjamim (1994, p.247) pontua que “... não entenderíamos o brinquedo, nem em sua realidade nem em seu conceito, se quiséssemos explicá-lo unicamente a partir do espírito infantil”. É o espírito adulto que dá corpo ao brinquedo. A criança em contato com o brinquedo fabricado intenciona devolvê-lo ao estado primitivo.

Segundo Cecília Meireles, a criança não faz relação do brinquedo com o seu preço, com o trabalho dos pais. Que sem trabalho e dinheiro não é possível presentear-se uma criança, mas esse problema econômico não pode desbotar o olhar dos pais no sentido de propiciar horas de alegria, com brinquedos que são acessíveis e que se transformam em caquinhos, apreciados depois pela criança para brincar. “A criança vê o brinquedo, e gosta ou não gosta dele...” (MEIRELES, 2001, p. 15). E se gosta provavelmente ela brincará com ele, isso não significa que ele não acabará sem olho, perna, cabeça, carro sem rodas enfim, para os pequenos brincar não necessariamente associa-se a cuidado.

Nada é mais precioso para uma criança que construir seu próprio brinquedo ou não, pois é por meio da imaginação que um pedaço de madeira ganha vida e se transforma em um belo alazão, um lençol envolto no pequeno corpo ganha estato de vestimenta real, a sacola do supermercado toma lugar do papel de seda e ganha forma de pipa, os rabiscos sobre a folha de papel tornam-se uma carta de amor que entregará para a mãe ao chegar da escola. Para Cecília Meireles “... as belas invenções das crianças, ela são a realização da sua própria vida interior, a prática de si mesma... É por isso que o brinquedo mais útil é aquele que a criança cria, ela mesma, que procura realizar com o material de que dispõe” (IBID., p.17).

5. Considerações Finais

Portanto, ao tornar-se conhecedor de que o brinquedo fabricado surge em um contexto de industrialização com a finalidade de comercialização e, anterior a industrialização, as crianças faziam das pedras, da madeira seus objetos de brincadeira. Fica evidente que o brinquedo não tem o mesmo sentido de brincadeira. Para Benjamim (1994, p. 246) “..., ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança”. A partir da compreensão de que a relação do brinquedo diverge do olhar do adulto para o olhar da criança, será possível respeitar os interesses inerentes ao universo infantil do brinquedo. A criança brinca com o brinquedo industrializado, todavia a ausência dele jamais conseguirá bloquear a imaginação da criança.

Referências Bibliográficas

MEIRELES, Cecília. Crônicas de Educação (vol. IV). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001 p.15-17.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Capítulo: História cultural do brinquedo).